

A mão e a luva 



MACHADO DE ASSIS

A mão e a luva

TEXTO INTEGRAL

Cotejado com a edição crítica do Instituto Nacional do Livro

Apresentação de
Eliane Zagury

gerente editorial Claudia Morales
editor Fabricio Waltrick
editor assistente José Muniz Jr.
diagramadora Thatiana Kalaes
coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista
revisão Flávia Yacubian, Bárbara Borges e Camila Zanon
projeto gráfico Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez
coordenadora de arte Soraia Scarpa
editoração eletrônica Luiz Henrique Dominguez

imagem da capa sem título, 2008, obra de Tomie Ohtake

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A866m
21.ed.

Assis, Machado de, 1839-1908
A mão e a luva / Machado de Assis. - 21.ed. - São Paulo : Ática,
2011.
144p. - (Bom Livro)

Apêndice
ISBN 978-85-08-15409-8

1. Romance brasileiro. I. Título. II. Série.

11-7250.

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

ISBN 978 85 08 15409-8 (aluno)

Código da obra CL 738222
CAE: 265843

2017
21ª edição
3ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902
Atendimento ao cliente: (0xx11) 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br
www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

Amor e casamento no folhetim machadiano 7

Advertência de 1874 13

Advertência de 1907 15

I O fim da carta 17

II Um roupão 22

III Ao pé da cerca 28

IV *Latet anquis* 33

V Meninice 37

VI O post-scriptum 41

VII Um rival 46

VIII Golpe 50

IX Conspiração 54

X A revelação 59

XI Luís Alves 67

XII A viagem 72

XIII Explicações 76

XIV Ex-abrupto 80

XV Embargos de terceiro 85

XVI A confissão 89

XVII A carta 94

XVIII A escolha 98

XIX Conclusão 104

Vida & obra 109

Resumo biográfico 135

Obras do autor 137

Obra da capa 141

AMOR E CASAMENTO NO FOLHETIM MACHADIANO

Eliane Zagury

Tradutora e crítica literária, professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Machado de Assis tem sido considerado, com justiça, o primeiro escritor brasileiro de nível internacional. Está muito acima dos dois males que assolam uma literatura jovem como a nossa: a cópia servil da moda estrangeira e, seu reverso não menos deformado, a desesperada procura de uma personalidade nacional definida, original e, em termos extremos, provincianamente superior. Machado atinge por temperamento um classicismo que ainda estamos longe de ter, mesmo hoje. Por isso, não é enquadrável nos moldes dos movimentos literários que marcavam o ambiente de sua época. Tendo sofrido as influências do romantismo e do realismo-naturalismo, ultrapassa-os.

Cultivou a poesia, o teatro, a crítica, a crônica, o conto e o romance. Seus pontos altos são os quatro últimos gêneros, pois em teatro e poesia não trouxe inovações importantes nem levou o convencional de sua época a uma realização estética plena. Sua crítica, além do valor que tem em si mesma, fornece elementos para uma compreensão mais cabal dos ideais estéticos de sua ficção. Sua crônica demonstra o grande interesse que tinha pelas coisas do seu tempo e sua participação nos destinos do país, da cidade e da sociedade em geral. Quanto à ficção, é realmente a parte nobre de sua obra. Seus contos se distribuem pelos volumes *Contos fluminenses* (1870), *Histórias da meia-noite* (1873), *Papéis avulsos* (1882), *Histórias sem data* (1884), *Várias histórias* (1896), *Páginas recolhidas* (1899) e *Relíquias de casa velha* (1906), além dos não reunidos em livro durante a vida do autor, e que foram mais tarde coletados. Seus romances são: *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876), *Iaiá Garcia* (1878), *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esau e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908).

A criação individual de Machado de Assis é lenta, mas segura. Sem a eloquência de seus contemporâneos, evolui em profundidade sua imensa

capacidade de observar as pessoas e a sociedade. Torna-se, assim, um agudo analista dos caracteres e das relações que eles representam. Tudo gira em torno dessa caracterização de personagens, que torna estritamente funcional o aparecimento de cenários e demais trechos descritivos. É a ação e, principalmente, o seu comentário pelo narrador que vão construindo os caracteres. Embora cada um deles tenha individualidade, Machado não perde a ocasião de abstrair e generalizar, mostrando suas características como “sintomas” da criatura humana em geral, com suas fraquezas e enganos.

Esse aspecto de sua obra tem levado muita gente a qualificá-lo de pessimista. Entretanto, há um equilíbrio no modo como ele dosa bem e mal, positivo e negativo em seus personagens. Isso leva a pensar que se trata de um recurso para aprofundar a análise dos caracteres — ou seja, internalizar os problemas humanos no indivíduo. Esse realismo psicológico de Machado era estranho tanto às tradições românticas como às naturalistas. Até então, o costume estético era que, no personagem — pálido descendente da alegoria —, figurasse em dominância absoluta um dos elementos do conflito, que se realizava ficcionalmente no choque dos personagens e na ação decorrente. O personagem de Machado é muito mais complexo, eivado de defeitos e qualidades que se harmonizam para formar-lhe uma personalidade chã e real. Nem anjo nem demônio, homem sofrido na luta diária com o mundo e consigo mesmo, burilado pelas circunstâncias da vida.

A mão e a luva (1874) é o segundo romance que Machado escreve, ainda tímido de sua disparidade das tendências gerais da ficção brasileira na época. Seu tema, típico do romance oitocentista ocidental, é o conflito entre amor e interesse na realização do casamento. Abordado também em *Senhora*, publicado um ano após *A mão e a luva*, nas mãos de Alencar esse tema adquire foros de drama romântico, que desgasta uma tragédia inicialmente enunciada até o esperado *happy end*. Machado, em contraposição, não distende o conflito. Realisticamente ele harmoniza as partes, fazendo do amor um sentimento em que, à maneira clássica, há lugar para a vontade, a admiração não gratuita das qualidades do outro, a complementação recíproca das personalidades, a ajuda mútua e o projeto de vida comum. Guiomar e Luís Alves “decidem” amar-se porque adivinham suas afinidades e as vantagens que a união traria para ambos. O amor, mesmo na chamada “fase romântica” de Machado (*Ressurreição*, *A mão e a luva*, *Helena*, *Iaiá Garcia*, *Contos fluminenses* e *Histórias da meia-noite*), não é uma fatalidade. Trata-se de uma escolha — muito livre para o homem,

mas hábil e arduamente atingida pela mulher em luta contra a obediência aos responsáveis e contra a dependência econômica.

Como duplo desse amor realizado, há o amor não realizado de Estêvão pela mesma Guiomar. Ele é representado como um homem cheio de arroubos de amor romântico, com ameaças de suicídio, tomado de um desespero mórbido, mas sempre superficial. Não me parece que sua caracterização esteja isenta de caricatura, embora discreta. O início do romance já marca essa posição de anti-herói romântico para o personagem: ele aparece anunciando o próprio suicídio. Como se vê, o que era o clímax da ação para os ficcionistas românticos é começo de conversa na narrativa de Machado. São os mesmos elementos estéticos que a época oferecia a todos, mas organizados de forma diversa, invertendo relações, sempre aprofundando os caracteres. A afirmação da crítica quanto à não originalidade dos temas de Machado é superficial, pois o tratamento que dá a eles é sempre inusitado.

Em *A mão e a luva*, três outros personagens merecem análise: a madrinha de Guiomar; sua dama de companhia, Mrs. Oswald; e o sobrinho Jorge, também pretendente à mão da moça. Começemos por Jorge, que é o personagem masculino mais mesquinho do romance. Sua superficialidade é total, feita de preguiça e passividade. Mesmo a frouxidão de Estêvão adquire grandeza emocionada diante da sua mornidão. Jorge vive junto às saias da tia, como possivelmente teria vivido junto às saias da mãe, antes de ela morrer. Seu amor por Guiomar é notoriamente passivo, meio de completar sua situação dependente da tia. Tem algum orgulho, mais da própria posição social que de si mesmo. Sua falta de ânimo e sua afetação causam repugnância a Guiomar. Contrasta grandemente com Luís Alves, herói da vontade e da ambição bem encaminhada.

Já a madrinha de Guiomar é o esboço de uma matriarca suavizada pelo amor. Machado não desenvolve muito sua personalidade, deixando muito clara apenas a necessidade da presença física de um objeto de amor. Assim, a afilhada substitui integralmente, e talvez com vantagem, a filha morta. Mas Machado não esboça a personalidade desta; não a contrasta, portanto, com Guiomar, perdendo a oportunidade de analisar a situação dessa transferência afetiva e o caráter da madrinha. Entretanto, talvez possamos adivinhar que, sem qualquer direito legal ou natural ao benefício que recebe, Guiomar seja mais dócil, ainda que só aparentemente, à meiga tirania da velha senhora.

Mrs. Oswald, agregada mercenária da família, é curiosamente desenvolvida como pessoa que deseja não só manter uma situação de prestígio

familiar, mas também melhorá-la. Por isso ela se torna indiscreta e tenta forçar acontecimentos que possam agradar a matriarca. O conflito entre ela e Guiomar, vítima de suas atitudes escusas, não atinge grandes proporções. É delineado mas posto de parte, como conviria à intrusão de alguém de fora da família cujo poder incomoda mas não chega a causar danos.

Em advertência à edição de 1874, Machado de Assis faz ressalvas ao texto de *A mão e a luva*, por suas características de narrativa de folhetim, feita capítulo a capítulo, para publicação diária em jornal. A maior parte dos romances brasileiros da época emerge do folhetim, o que lhes dá um tom peculiar e alguma leveza de composição. É preciso não esquecer que o compromisso com o texto é muito menor quando este aparece em página de jornal. O leitor que se dispõe a ler um livro fez uma escolha entre outras atividades de lazer e entre outros livros: sua inclinação favorável ao texto é muito mais intensa. O leitor de folhetim, para ser constante na escolha e fazer dela um hábito diário, precisa ser bajulado, conquistado e reconquistado a cada capítulo. Assim, é natural que Machado se dirija inúmeras vezes a ele, reforçando sua atenção à leitura, alargando o canal de comunicação por uma espécie de identificação renovada, com os vários ângulos que a narrativa possibilita.

Essa técnica de chamadas ao leitor é uma habilidade que Machado de Assis cultivava como poucos, numa destreza de fazer inveja aos redatores de propaganda de hoje. Sabendo que seu leitor é heterogêneo, o escritor diversifica o interlocutor, atribuindo-lhe idade, sexo, sentimentos e opiniões que se alternam, num apreciável jogo retórico de vocativos. Ora lembra-lhe algum episódio de um capítulo já distanciado, ora responde a uma possível observação crítica, ora justifica algum procedimento narrativo, ora guia o raciocínio do leitor na interpretação de alguma atitude do personagem, ora dá explicações veladas louvando a acuidade de percepção do interlocutor, ora chama a atenção para o capítulo do dia seguinte.

Essa invocação repetida faz o leitor adquirir algum distanciamento crítico em relação à narrativa, à semelhança do narrador. Isso também é dosado por Machado, que não deixa seu leitor perder a identificação com os personagens e a narração. Muitos capítulos não apresentam qualquer chamada desse tipo. Nesses casos, a atenção do leitor tende a se concentrar no próprio suspense da trama. Quando esta se afrouxa ou deve ser dissolvida pela análise dos caracteres, o interesse do leitor é recaptado pela chamada. Essa funcionalidade da técnica ultrapassa o folhetim, possibilitando um desenvolvimento posterior em livro, que Machado leva às últimas consequências no decorrer de sua obra.



A mão e a luva

ADVERTÊNCIA DE 1874

Esta novela, sujeita às urgências da publicação diária, saiu das mãos do autor capítulo a capítulo, sendo natural que a narração e o estilo padecessem com esse método de composição, um pouco fora dos hábitos do autor. Se a escrevera em outras condições, dera-lhe desenvolvimento maior, e algum colorido mais aos caracteres, que aí ficam esboçados. Convém dizer que o desenho de tais caracteres, — o de Guiomar, sobretudo, — foi o meu objeto principal, senão exclusivo, servindo-me a ação apenas de tela em que lancei os contornos dos perfis. Incompletos embora, terão eles saído naturais e verdadeiros?

Mas talvez estou eu a dar proporções muito graves a uma coisa de tão pequeno tomo. O que aí vai são umas poucas páginas que o leitor esgotará de um trago, se elas lhe aguçarem a curiosidade, ou se lhe sobrar alguma hora que absolutamente não possa empregar em outra coisa, — mais bela ou mais útil.

novembro de 1874.

MACHADO DE ASSIS

ADVERTÊNCIA DE 1907

Os trinta e tantos anos decorridos do aparecimento desta novela à reimpressão que ora se faz parece que explicam as diferenças de composição e de maneira do autor. Se este não lhe daria agora a mesma feição, é certo que lha deu outrora, e, ao cabo, tudo pode servir a definir a mesma pessoa.

Não existia, há muito, no mercado. O autor aceitou o conselho de confiar a reimpressão ao editor dos outros livros seus. Não lhe alterou nada; apenas emendou erros tipográficos, fez correções de ortografia, e eliminou cerca de quinze linhas. Vai como saiu em 1874.

MACHADO DE ASSIS



O fim da carta

— Mas que pretendes fazer agora?

— Morrer.

— Morrer? Que ideia! Deixa-te disso, Estêvão. Não se morre por tão pouco...

— Morre-se. Quem não padece estas dores não as pode avaliar. O golpe foi profundo, e o meu coração é pusilânime¹; por mais aborrecível que pareça a ideia da morte, pior, muito pior do que ela, é a de viver. Ah! tu não sabes o que isto é?

— Sei: um namoro gorado...

— Luís!

— ... E se em cada caso de namoro gorado morresse um homem, tinha já diminuído muito o gênero humano, e Malthus perderia o latim². Anda, sobe.

Estêvão meteu a mão nos cabelos com um gesto de angústia; Luís Alves sacudiu a cabeça e sorriu. Achavam-se os dois no corredor da casa de Luís Alves, à rua da Constituição, — que então se chamava dos Ciganos; — então, isto é, em 1853, uma bagatela de vinte anos que lá vão, levando talvez consigo as ilusões do leitor, e deixando-lhe em troca (usurários!) uma triste, crua e desconsolada experiência.

Eram nove horas da noite; Luís Alves recolhia-se para casa, justamente na ocasião em que Estêvão o ia procurar; encontraram-se à porta. Ali

1 **pusilânime**: medroso, covarde. (N.E.)

2 **Malthus**: referência ao economista e demógrafo inglês Thomas Robert Malthus (1766-1834), que preconizou a limitação do número de filhos por casal para evitar a fome generalizada; **perder o latim**: perder tempo, desperdiçar esforços. (N.E.)